

## Uma reflexão a propósito da unidade curricular de história e antropossociologia da sexualidade.

### Título: Que lugar estará reservado aos terapeutas e cientistas na história da sexualidade?

Como é que a sexualidade uniu São Paulo, Freud, Egas Moniz ou Oliveira Salazar (...) ou estaremos sempre a falar de outra coisa qualquer?

O primeiro, um dos principais ideólogos da igreja católica, equiparou o sexo a outros pecados mortais. Na carta aos Gálatas (Vaz, 2003), o sexo, enquanto desvio moral, é referido a par com outros comportamentos, que enumerou num extenso cardápio: “fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúria, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias (...) os que praticarem tais coisas não herdarão o reino dos céus!”. O casamento seria um mal menor, na impossibilidade da abstinência sexual: “bom seria que o homem não tocasse em mulher, mas, por causa da fornicção, tenha cada homem a sua própria mulher e cada mulher o seu próprio homem”.

No campo da medicina, Freud – cujo modelo de desenvolvimento psicológico atribuía à sexualidade um lugar central – elaboraria complexas teorias, com consequências concretas na vivência da sexualidade, ainda nos dias de hoje. Não está em causa a rutura que as suas teorias representaram social e culturalmente, mas sob a armadura científica, produziu-se conhecimento, ao qual dificilmente terapeutas e comunidade ficariam, durante muitas décadas, imunes. Só para dar alguns exemplos, ao distinguir o tipo de orgasmos femininos, teorizaria sobre a maturidade psicoemocional das suas proprietárias. Ou, num outro momento, defenderia que a neurastenia (sintomas físicos neuróticos) tinham como causa a masturbação incontida. Claro que a medicina pouco ou nada sabia sobre o clítoris, cuja descrição pormenorizada viria só nos anos 90. Na mesma linha, o prémio nobel português da medicina ou fisiologia, Egas Moniz, advertia que a masturbação podia ser a causa dos problemas de saúde mental.

Ainda no contexto português, mas na esfera política, o governante António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de ministros, proibiu a pilula contraceptiva (1960) de ser comercializada em Portugal. É-lhe atribuída a frase de que “as mulheres não atingem a felicidade pelo prazer, mas sim pela renúncia”. De que estaria ele a falar?

Há poucos anos, em entrevista, a poetisa Agustina Bessa-Luís precavia para a importância e dificuldade de se falar sobre amor, mas alertava que “ninguém o quer explicar”. Pelo contrário, continuou, “o sexo didaticamente não oferece dificuldades.” (...) “mas vemos a vontade que há em o explicar”. Esta introdução serve de mote para elencar a questão que mais perplexidade me suscita desde que me dedico ao estudo da sexualidade: *porque é que o sexo adquiriu tanta importância na nossa cultura e um lugar central na nossa organização social?*

Evidentemente que o acesso a testemunhos escritos passados é difícil. É-o tanto mais quanto se recua para o passado ou para culturas distantes da nossa. Sobram-nos, ainda assim, textos religiosos e filosóficos, legislações de várias sociedades e épocas e, claro, mais recentemente uma produção significativa de manuais médicos e estudos da sexualidade. Momento oportuno, talvez, para recordar a advertência de William Simon (1996): “a verdade mais importante sobre a sexualidade é que pode não haver verdades importantes que sejam permanentes”. Os poucos exemplos que citei na introdução deste texto bastariam para, em boa-fé, conceder a razão a

William Simon. Mas, quanto a mim, a questão fundamental é: porquê – de onde vem - esta necessidade de se chegar “à verdade” sobre a sexualidade? Que verdade? Ainda para mais sobre “algo que didaticamente não oferece dificuldades” ...

Declaro-me, por ora, incapaz de ensaiar uma resposta a esta questão. Mas compreendo que há uma arquitetura poderosa, com fundações profundas, no que à sexualidade concerne. Esta foi e permanece como um esteio da regulação social. Esteve, nesse sentido, ao serviço da religião, do direito e, mais recentemente, da ciência médica e sexológica.

Vejam: no paradigma místico-religioso o poder teve o seu centro na religião, que impunha uma moral religiosa, conotando como pecado todos os comportamentos sexuais que escapavam a essa moral dominante (e.g. São Paulo). A expiação da culpa passava pela confissão e a penitência. Com a revolução científica, o centro do poder desloca-se para a ciência. Naturalmente, o discurso científico não poderia albergar as mesmas premissas. Contudo, ancorado na biologia e no discurso das diferenças biológicas, no funcionamento dos órgãos, na codificação exaustiva dos comportamentos sexuais, fez emergir novas(?) verdades sobre o sexo (e.g. Freud e Egas Moniz). E, claro, traçou planos adequados e processos de tratamento, tendo em vista a *normalização* dos comportamentos sexuais. Neste paradigma, a narrativa deixou de opor a moralidade vs. imoralidade, mas antes a da normalidade vs. patologia. A confissão dava lugar à consulta. O protagonista da escuta, outrora sacerdote, passa a ser terapeuta. A penitência foi substituída por tratamentos agora esculpados nas “*bíblis*” médicas, que avançam com propostas “cientificamente validadas” e a codificação das doenças mentais e disfunções sexuais.

Que lugar irão ocupar os terapeutas e cientistas na história da sexualidade? O “*terramoto*” que a revolução científica operou, fê-los emergir como protagonistas, ocupando agora um lugar central no dispositivo da sexualidade. Mas, no que à sexualidade respeita, qual foi a revolução? O método é novo, a linguagem e os protagonistas também, houve certamente muitos avanços e evoluções - que, em muitos casos, em abono da verdade, não se deveram à ciência -, mas seremos capazes de questionar a função da produção e reprodução das nossas “*verdades*”? *Porque é que o sexo adquiriu tanta importância na nossa cultura e um lugar central na nossa organização social?* Paradoxalmente, o maior risco da nova organização é o de, na forma, fazer o mesmo que a anterior: produzir verdades (temporárias)!

### **Referência bibliográficas**

Bullough V; *Science in the bedroom*, 1994. New York: Perseus Book Group

Foucault, M. ( 1994). *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Lisboa: Relógio d`água

Simon,W. (1996). *Postmodern Sexualities*. Londres : Routledges. Pág. 142.

Vaz, J. M. (2003). *Sexualidade e História*. Em *A Sexologia*. Pág 15 – 42. Coimbra: Quarteto.

Porto, 10 de dezembro de 2021

João Sacchetti Teixeira de Sousa

